CONTEÚDO
ANO XXX - EDIÇÃO COMEMORATIVA 30 ANOS

contee
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
Filiada a: CEA, CPLP, DIEESE, FISE, IE
| Brasília, Junho de 2021 |

contee 30 Anos em Defesa de Trabalhadores da Educação



Editorial
Três décadas de uma entidade enobrecedora

Capa
Renasce uma democracia, nasce uma confederação

Esperançares
Aos que vierem depois de nós

Entrevista
Das memórias que fazem viver uma Confederação

Conhecer os funcionários que trabalham na escola do seu filho faz diferença.

Campanha realizada pela Contee em 2013



Diga não à terceirização!

Para reduzir custos, principalmente com encargos trabalhistas, as escolas estão optando por terceirizar diversos serviços antes prestados por funcionários fixos.

Por melhores que sejam esses profissionais, trabalhar com educação é diferente. A alta rotatividade dos terceirizados, assim como a falta de identidade com a função e com próprio local de trabalho, traz sérios prejuízos para a relação de confiança que as famílias precisam ter com a escola.

Instituições de ensino não devem ser tratadas como um negócio. A valorização dos funcionários técnicos administrativos e o envolvimento com o ambiente escolar também são premissas para uma educação de qualidade.

Como a sua escola trata essa questão? Questione. Converse com outros pais sobre isso. A educação do seu filho merece essa atenção.

LogoSindi
Sindicato dos sindicalizados do Brasil
www.logosindi.org.br

CONTEÚDO contee
ANO XXX - EDIÇÃO COMEMORATIVA 30 ANOS
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
Filiada a: CEA, CPLP, DIEESE, FISE, IE
Brasília, Junho de 2021

Editorial
Três décadas de uma entidade enobrecedora
2



Contos da Contee
Das memórias que fazem viver uma Confederação
3



"Clicks"
Fragmentos da história da Contee
19



Lutar é existir
Renasce uma democracia, nasce uma confederação
23



#sigaCONTEE
Informação, AgitProp e Campanhas
29



Esperançares
Aos que vierem depois de nós
31



A **revista CONTEÚDO Especial 30 Anos** é uma publicação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino – Contee – sob a coordenação da Secretaria de Comunicação Social

Coordenação: Alan Francisco de Carvalho

Editora e jornalista responsável: Táscia Souza — MTb 11.920 mg

Jornalista: Carlos Pompe

Capa, projeto gráfico e diagramação: Fred Vázquez - LinguagemDigital.Net

Apoio de produção: Leandro Freire - Treemidia

Impressão: Stilo Gráfica e Editora Ltda

Colaboração: Patrícia Botelho e Eunice Pires

A reprodução dos textos é autorizada com a devida citação da fonte.

Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Esta publicação foi totalmente produzida com Software livre em Linux base Ubuntu: *(Gimp, Inkscape, Scribus e LibreOffice)*



FALE CONOSCO
CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO - CONTEE

Endereço:
Setor Bancário Sul
Quadra 1, Bloco K, 15º andar
Ed. Seguradoras
Asa Sul, Brasília / DF
CEP: 70093-900

Telefones:
(61) 3226 1278/ 3223 2194

E-mails:
contee@contee.org.br e
conteudo@contee.org.br

Portal: http://www.contee.org.br

TV Contee: http://tv.contee.org.br

Redes Sociais: @sigacontee
#sigaCONTEE #contee30anos

Confederação Nacional dos Trabalhadores
em Estabelecimentos de Ensino

DIRETORIA EXECUTIVA

COORDENADOR-GERAL
GILSON LUIZ REIS
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA-GERAL
MADALENA GUASCO PEIXOTO
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE FINANCAS
JOSÉ DE RIBAMAR VIRGOLINO BARROSO
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
ALAN FRANCISCO DE CARVALHO
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE FORMAÇÃO
GUILHERMINA LUZIA DA ROCHA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE POLITICAS SOCIAIS
JONAS RODRIGUES DE PAULA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE ORGANIZAÇÃO SINDICAL
OSWALDO LUIS CORDEIRO TELES
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE RELAÇÕES DO TRABALHO
NARA TEIXEIRA DE SOUZA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE ASSUNTOS EDUCACIONAIS
ADÉRCIA BEZERRRA HOSTIN DOS SANTOS
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATEGICOS E BANCOS DE DADOS
FÁBIO EDUARDO ZAMBON
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE ASSUNTOS JURÍDICOS
JOÃO BATISTA DA SILVEIRA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE ASSUNTOS INSTITUCIONAIS
RODRIGO PEREIRA DE PAULA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE DEFESA DE DIREITOS DE GÊNERO E LGBTT
VALDIR GRANIEL KINN
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
MARIA CLOTILDE LEMOS PETTA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE POLÍTICAS SINDICAIS
ALLYSSON QUEIROZ MUSTAFA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE PREVIDÊNCIA, APOSENTADOS E PENSIONISTAS
ADEMAR SGARBOSSA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE SAÚDE DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO
EDER OCIMAR SCHUINSEKEL
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, RESPEITO ÀS ETNIAS E COMBATE AO RACISMO
DÉCIO BRAGA DE SOUZA
COORDENAÇÃO DA SECRETARIA DE POLÍTICAS SINDICAIS PARA JUVENTUDE
ROBSON RODRIGUES CÂMARA

DIRETORIA PLENA

AFONSO CELSO TEIXEIRA
AILTON FERNANDES
AMARILDO PEDRO CENCI
ANDRÉ LUIZ GIUDICISSI CUNHA
ANTONIO RODRIGUES DA SILVA
APARECIDA DE OLIVEIRA PINTO
CARLOS ROBERTO DOS PASSOS - in memoriam
CARLOS VIRGÍLIO BORGES
CELSO WOYCIECHOWSKI
CLAUDIO EDUARDO DOS SANTOS
CRISTIANO LEON MARTINS
CRISTINA APARECIDA DE CASTRO
DHELLIANE CHRISTINA ROMANINI DO PRADO
EDSON DE PAULA LIMA
EDSON GOMES SOARES
FREDERICO LUIZ MARMO FADINI
GERALDO PROFÍRIO PESSOA
GISELE VARGAS
JOÃO JORGE DE ARAÚJO ARMÊNIO
JOÃO MARQUES DA FONSECA FILHO
JOSÉ CARLOS MONTEIRO
JOSÉ CARLOS PADILHA ARÊAS
JOSÉ ISAIAS VENERA
JOSÉ THADEU R DE ALMEIDA
JULIANO PAVESI PEIXOTO
KLÉBER IBIAPINA GOMES
LEANDRO CARNEIRO BATISTA
MANOEL HENRIQUE DA SILVA FILHO
MAURÍCIO ROGÉRIO SERRÃO SILVA
NADIA MARIA FARIAS VAZ
NIVALDO PINTO FERREIRA
PAULO CÉSAR LOPES DA SILVA
RAFAEL PEREIRA FIERI
RICARDO MARTINEZ FROES
RITA DE CASSIA FRAGA PINTO DE ALMEIDA
ROGERLAN AUGUSTA DE MORAIS
SÉRGIO ROBERTO SCHEFFER

CONSELHO FISCAL EFETIVOS

ANTÔNIO CARLOS MORAIS PENELA
IDENES DE JESUS SOUSA CRUZ
JOSÉ LUIS MIRANDA ANTUNES

Três décadas de uma entidade enobrecedora

Os 30 anos da nossa Contee marcam a batalha incessante, árdua, mas gratificante, dos trabalhadores em estabelecimentos de ensino privado por condições de vida e emprego dignas, num mundo e num país onde a solidariedade e os valores humanistas pautem as relações entre as pessoas. Como entidade sindical de terceiro grau, a luta principalmente econômica é o que está na base da nossa organização, mas envolvida pela compreensão da amplitude da atividade que desenvolvemos como formadoras e formadores, educadoras e educadores, cidadãs e cidadãos e suas vinculações sociais e políticas.

Esta publicação aborda um pouco da nossa história e aponta que a entidade tem como princípio elementar a busca permanente e incessante da unidade na busca de seus objetivos, que são os de todos os trabalhadores do país. A Confederação amadureceu de forma bastante plena para chegar ao seu décimo congresso, no início do segundo semestre deste ano, como instrumento poderoso das categorias profissionais de professoras, professores, auxiliares e técnicos e técnicas administrativos para enfrentar as dificuldades que vêm sendo impostas pelo governo de extrema direita de Jair Bolsonaro em sua investida contra os trabalhadores e suas entidades, pelas mudanças antilaborais na legislação, pelas reformas contrárias aos interesses nacionais e populares, pela pandemia...

Uma entidade que demonstra muita vitalidade, consolidada e solidificada numa rocha dura e consistente que é sua construção e seus compromissos históricos. Por isso, precisamos cada vez mais preservar essa trajetória, continuar no processo de amplitude da Contee, na construção dos seus próximos anos, suas próximas décadas, e dizer que ela pode e deve participar da saga dos brasileiros na edificação de uma sociedade democrática, soberana, com desenvolvimento econômico e justiça social.

Esta publicação é também uma homenagem a todas e todos que atuaram, atuam – e atuarão! – no fortalecimento e engrandecimento da nossa Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino – Contee.

Boa leitura!

Gilson Reis
Coordenador-geral da Contee

Das memórias que fazem viver uma Confederação



/por Táscia Souza

Há muitas formas de se começar a contar uma história. Poderia escrever, por exemplo, que, em novembro de 1990, a primeira eleição direta para a Presidência da República após o fim da ditadura estava prestes a completar um ano, de modo que Fernando Collor de Mello já era presidente e, havia alguns meses, já tinha inclusive confiscado todas as poupanças. Ou poderia escrever que em Praia Grande, no litoral de São Paulo, um grupo de professores e técnicos administrativos da educação privada criava a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino — Contee.

Quem sabe poderia lembrar

que 1991 teve início com o fim da Guerra do Golfo e se encerrou com o da União Soviética. Ou então poderia apenas contar que, naquele ano, há 30 anos, na praia de Guarapari, no litoral do Espírito Santo, a recém-criada Confederação realizava seu primeiro congresso eleitoral e, entre conflitos e confrontos, dele saía vitoriosa e consolidada. Existente e resistente.

O Brasil havia, poucos anos antes, acabado de ganhar uma nova Constituição. Novas esperanças flutuavam no ar, mas também novos problemas. Sempre renovados ao passar de cada ano e cada década, mas sempre, de alguma forma, ali: o governo Collor e seu impeachment, o neoliberalismo de FHC, a mercantilização e a financeirização do ensino, as novas expectativas com os governos Lula e Dilma e seus avanços destroçados pelo golpe que levou à destituição da presidenta. Contudo, se esses 30 anos são marcados pela ascensão e pelo declínio da democracia, são também os 30 anos de fortalecimento da Contee e de sua capacidade de lidar com as intempéries.

Talvez esteja no gene, herdado da Praia Grande e de Guarapari, dessa entidade que tem sua sede no Planalto Central, mas que teve seu parto e seu registro realizados à beira-mar. Porque há um quê de maré na história, assim como na política, assim como na luta do movimento sindical, assim como na memória. Às vezes marola, outras vezes tsunami, mas em constante movimento de ir e vir. A onda que engolfa, o lagamar que se forma, o fluxo d'água que recua e repuxa.

Walter Benjamin escreveu que "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história". Já Maurice Halbwachs considerou que "a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, como membros do grupo". E que, "[d]essa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles". Nas palavras dele, "[d]iríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios".

Numa manhã de dezembro de 2020, convidamos Wellington Teixeira Gomes, Augusto Petta, Madalena Guasco Peixoto e Gilson Reis para que, de certa maneira, fizessem, de uma conversa, uma espécie de crônica. Wellington foi o primeiro presidente da Contee, de novembro de 1990 a julho de 1991, na direção provisória, e de 1991 a 1994, eleito pelo primeiro Conatee. Petta presidiu a Confederação logo em seguida, por três mandatos, de 1994 a 2003. Madalena foi a primeira mulher a ocupar o cargo, então modificado para Coordenação-Geral, e nele permaneceu por quatro mandatos, de 2003 a 2016. Gilson, por sua vez, é o atual coordenador-geral da Confederação. Cada um deles com um ponto de vista individual sobre uma memória que é coletiva. Cada um se recordando, a seu modo, daquilo que, grande ou pequeno, não fica perdido para a história.

Fossem estes tempos atuais tempos de maré baixa, talvez essa conversa tivesse acontecido numa mesa de bar, depois de um dia inteiro de plenária num Conselho Sindical (Consind) ou no X Conatee, adiado do ano passado para este ano em razão da pandemia. Maiakóvski tinha razão, no entanto: o mar da história é agitado. Então, foi sentada na minha cama, com o computador sobre o colchão, que pude ouvir suas lembranças, com o apoio do também jornalista Carlos Pompe, do produtor e editor da TV Contee, Leandro Freire, do coordenador da Secretaria de Comunicação Social, Alan Francisco de Carvalho, e do consultor jurídico da Contee, José Geraldo de Santana Oliveira, dono da mais impressionante memória que esta Confederação já viu. A "contação de causos", que também se tornou registro e testemunho, pode ser conferida agora:

Táscia — O objetivo era reunir vocês quatro — Wellington, Petta, Madá e Gilson —, mas pedimos também ao Santana para nos ajudar aqui na condução, porque a memória do Santana é

uma coisa fabulosa. Vocês podem ficar à vontade. Primeiro eu queria saber o que vocês lembram. Como é que foi o processo de conversa dessas entidades que decidiram criar a Contee?

Madalena — Queria contar um caso que é anterior a esse momento de fundação da Contee. Tudo está relacionado, não é? Eu e a Marise (minha grande amiga de "causo", de Campinas) — eu como presidente da Apropuc (Associação dos Professores da PUC) de São Paulo e a Marise como presidente, na época, da Apropuc de Campinas — participamos do congresso da Andes que se realizou logo depois que derrubamos a ditadura. Tínhamos passado por um processo de democratização dos sindicatos nossos, porque muitos sindicatos eram pelegos durante o período da ditadura, mas, durante a redemocratização, conquistamos muitos deles. Então, tínhamos passado por um processo de redemocratização também das direções sindicais, que passaram a ser abertas, democráticas, enfim. Então, eu e a Marise fomos para



esse congresso representando as duas maiores associações que tinha na época. Chegando lá, eles colocaram em pauta a fundação do sindicato nacional do ensino superior. E nós, da rede privada, fizemos uma grande reunião e nos colocamos contra a fundação desse sindicato. Por quê? Porque estávamos naquele período fortalecendo nossos sindicatos, que tínhamos lutado para redemocratizar. Então, fomos contra e fizemos várias intervenções durante o congresso, tentando impedir que eles votassem a criação desse sindicato que incluiria rede pública e rede privada. Bem, nós perdemos e voltamos pensando o que fazer. E aí qual foi a nossa atitude? Foi procurar os sindicatos nossos, que tínhamos redemocratizado, para propor a criação de uma entidade nacional. Eu fui conversar com o Sinpro São Paulo, que tinha mudado sua diretoria. Na época, era o professor Zambon que era o presidente, primeira diretoria não pelega que tínhamos conquistado.

Os professores da PUC eram proibidos pelo pelego anterior de se sindicalizar. Toda vez que a gente tentava se sindicalizar, ele vetava nossos nomes. Então, a primeira atitude dessa diretoria nova foi sindicalizar todos os professores que quisessem da PUC, porque eram professores que tinham uma luta contra a ditadura, combativa etc. E que aí poderiam participar como sindicalizados, porque não existia essa possibilidade antes. Era um momento de abertura do sindi-

cato, de grandes assembleias. Aí fizemos uma reunião e falamos: "Olha, foi criado um sindicato nacional, nós fomos contra — as associações —, mas querem ter uma representação dentro de uma entidade nacional e achamos que é fundamental que a rede privada tenha".

Isso foi bem antes da movimentação para a fundação da Contee, mas foi importante porque as Apropucs se colocaram ali já de cara dizendo: "Nos interessa uma entidade nacional". E aí nossos sindicatos começaram a travar um debate sobre a fundação da Contee. Eu estava lá também na assembleia de fundação. Queria contar essa história porque acho importante que a gente saiba que fizeram parte dessa articulação não só os sindicatos, mas as associações dos professores da rede privada, das universidades, das católicas e pontifícias, que tinham uma tradição de organização própria muito importante e que até hoje têm.

Táscia — Ótima história. Fantástico para a gente saber como o contexto é amplo, como era a mobilização nesse contexto de redemocratização. Você gostaria de fazer uma intervenção, Wellington?

Wellington — Pensei muito depois que a Táscia falou dessa reunião e não consigo dissociar a fundação da Contee do processo de luta da retomada da Fitee. Era todo o Brasil, menos São Paulo. E começamos, logo depois da retomada do Sinpro Minas, a fazer um movimento de oposição à direção da Fitee, cujo presidente era um interventor no Sinpro Niterói e havia mais de dez anos não realizava eleição naquele sindicato. Através dos ministros da ditadura, principalmente o Murilo Macedo [último ministro do Trabalho do regime militar], o mandato ia sendo renovado no sindicato de Niterói e, junto com outros sindicatos



que existiam, principalmente no Rio de Janeiro, eles dominavam a federação. É importante a gente resgatar que a federação, a Fitee, foi criada em 1955. Então, ela tem 65 anos de fundação e foi criada por professores progressistas, vários deles comunistas nessa época. No dia seguinte ao golpe de 1964, essa diretoria foi posta para fora e assumiram a federação. Tempos depois, começou a ter eleição naquele processo que conhecemos: o interventor de Niterói era eleito o presidente da Fitee através do conselho de representantes.

Havia a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e Cultura (CNTEEC), criada por decreto. E tinha duas federações que participavam, através do seus delegados representantes, que era o Geraldo Mugayar, lá em São Paulo — um dos mais famosos pelegos que tivemos no movimento sindical — e o Otonório, interventor em Niterói, que era presidente da Fitee. Esses dois é que decidiam. A relação que a gente tinha com São Paulo era o Petta, embora tivesse vários contatos com o presidente do Sinpro São Paulo. Não lembro o nome dele agora.

Santana — Leopoldino.

Wellington — Isso, o Lepoldino. Nessa briga, a gente foi trabalhando, o Santana é prova disso. Parece coisa que não tem nada a ver com a Contee, mas eu acho que tem nessa briga nossa. Houve um processo eleitoral em que conseguimos organizar, afinar uma chapa e, pela conta dos delegados representantes, tínhamos 15 a 13, né, Santana? Quinze a 13 como possibilidade.

Santana — Mas deu 14 a 14.

Wellington — Deu 14 a 14. Houve três escrutínios anulados pelo Ministério do Trabalho do Rio de Janeiro e, no terceiro, conseguimos, através de seis liminares, que todas as entidades que estavam no nosso campo pudessem votar. Mas nesse período, enquanto estava sendo realizado o processo eleitoral, no terceiro escrutínio, um voto... A gente sabe de quem foi, não é?

Santana — É.

Wellington — Não vamos falar aqui, mas um voto foi comprado a peso de ouro. E eles acharam que do nosso lado havia uma traição, mas não houve. Depois que ganhamos a Fitee, conseguimos retirar o processo, né, Santana? Ah, e foi para a Justiça a urna!

Santana — Quando nós a resgatamos, apuramos.

Wellington — Apuramos a urna e deu 14 a 14. Realmente tinha sido vendido um voto.

"Houve essa nova geração de sindicalistas que chegou e foi se consolidando a partir do processo de formação sindical que se iniciou ali"

Gilson Reis

Táscia — Vocês tiveram que resgatar a urna, então?

Wellington — É, resgatamos a urna.

Santana — Dois anos depois.

Wellington — Fizemos uma assembleia geral em março de 1985. Posso até falar as entidades que eram da base e estavam nela: Sinpro Minas, Sinpro Juiz de Fora, o Saaemg, o Sinpro/ES, o Sinpro/DF (que era representante da rede pública, principalmente), o Saae/DF (também da rede pública) e o Sinpro Goiás (deixei por último em homenagem ao Santana). Essas entidades fizeram uma assembleia e elegeram uma junta governativa com base no estatuto da Fitee. Mudamos todo o estatuto, criamos um estatuto democrático, diferente do estatuto padrão que as entidades tinham. Essa democratização serviu de base para o estatuto, inclusive, da Contee. Acabamos com o negócio de delegado representante, de ser um voto por entidade, e passamos a fazer congresso com voto baseado na categoria e no número de associados. Quer dizer, tivemos uma mudança radical e a participação dos companheiros de Goiás e de Minas foram fundamentais nesse processo.

Gilson — Táscia, posso falar uma historinha rápida?

Táscia — Pode.

Gilson — Você sabe que eu sou o mais jovem dessa turma aqui, não é? Apesar de já estar com idade avançada. Mas eu tinha 25 anos no primeiro congresso da Contee e eu ainda não era da diretoria do Sindicato dos Professores aqui de Minas Gerais. Estávamos numa greve nos anos 1989 e 1990, uma greve de dois anos. Na verdade, foram duas greves nesses anos. Foi quando

fui interceptado por alguns diretores. Lembro que o Zé Carlos me procurou e falou: "Você não gostaria de entrar na chapa do Sinpro?" Falei: "Uai, não sei, não discuti". Mas aí teve o congresso da Contee lá em Guarapari e você sabe que mineiro com Guarapari é quase que uma relação de maternidade, porque ir para a praia em Guarapari era o que o mineiro mais gostava de fazer na vida.

Táscia — Só um parêntese: conheci o Santana em Guarapari, num congresso da Fitee. Lembra, Santana?

Santana — Lembro. Você tinha 13 anos.

Táscia — Por aí.

Gilson — Mas ainda estávamos botando um pé no movimento sindical. Eu vinha do movimento estudantil, tinha uma outra lógica, né? E vamos para Guarapari. Beleza, ótimo, Guarapari, vamos lá ficar três dias e dentro do ônibus a orientação era que não podia ir para a praia porque era um congresso e tínhamos que discutir as coisas, debater. Falei: "Pô, nós vamos para Guarapari e não vamos pisar na praia? Isso é quase que um crime contra a humanidade". Aí articulamos com algumas pessoas: "Vamos levantar cedo na sexta ou no sábado, não lembro bem, e vamos para a praia. Não vou falar para ninguém, é lógico. Vou sair na caladinha e vamos para a praia tomar um banho de praia porque ir a Guarapari, ficar três dias e não pisar na praia é quase um crime". Beleza. Fomos lá para a praia e era uma coisa para ficar, sei lá, duas horas, voltar sem ninguém saber e tudo bem. Chegando na praia, teve uma menina, não lembro bem o nome, que foi andar nas pedras, mineira de primeira viagem na praia de Guarapari, e escorrega e quebra o pé. Aí vai todo mundo para o hospital, a confusão para



poder resolver o problema da menina. Acabou que a nossa ida à praia e ao congresso virou uma conversa nacional, porque todo mundo ficou sabendo que tínhamos ido para a praia, que a menina tinha se acidentado, que tínhamos rompido com o acordo firmado, enfim. Toda uma confusão generalizada. Depois isso virou até uma certa gozação entre todo mundo, essa coisa de fazer as coisas escondido. Enfim, o Papai do Céu acaba nos pegando. [risos]

Estou falando de 30 anos atrás. Eu tinha 25 ou 26 anos, e foi a primeira experiência sindical, o primeiro congresso sindical de que eu participei na minha vida como professor e como dirigente sindical.

Táscia — Mas não desfalcou a delegação não, né? Porque é importante ter delegado... [risos]

Gilson — Não, não. Era um congresso unitário, congresso de fundação.

Pompe — Mas você não era dirigente. Você era delegado. É isso?

Gilson — Eu era professor da base. Não era sequer do sindicato ainda. Uma experiência, né? Foi muito bom, acabou sendo a partir dali que a gente começou a consolidar o trabalho do sindicato.

Táscia — Eu entendo, porque realmente mineiro numa praia... No primeiro Consind da Contee de que participei, na Bahia, também fiquei: "Gente, tenho que pisar ali na praia pelo menos um pouquinho". A sorte foi que acabou na manhã, ainda deu para ir à praia um pouco à tarde. [risos]

Pompe — Eu gostaria que vocês abordassem um pouquinho aí, inclusive com base no que o Wellington contou, como era o clima do movimento sindical na época que a Contee foi fundada. Porque hoje é outra coisa. A gente vinha de sindicatos que sofriam intervenção até o final da ditadura, que mesmo depois da ditadura ainda continuavam sendo conduzidos por diretores oriundos de intervenções sindicais. A Contee surgiu já no renovar, não é isso? O próprio Gilson está falando que pegou a nova fase do sindicalismo, não é? E já é uma fase, vamos dizer assim, de autonomia. Os sindicatos decidiam o que eles iam ser ou deixar de ser, porque antes até o estatuto era regulamentado pelo Ministério do Trabalho, que tinha o direito não só de intervir na entidade como as fichas dos candidatos a dirigentes das entidades tinham que passar pelo Ministério do Trabalho. Não bastava ser trabalhador da categoria. Tinha que ser um trabalhador que o ministério aceitasse como candidato. Isso foi até a nova Constituição. E, depois da nova Constituição, ainda teve uma fase de transição. Acredito que é no final dessa fase de transição que surge a Contee, não é isso?

Madalena — Acho que é um pouco antes. A transição é um pouco maior do que essa que se inicia posteriormente à Constituição, porque, como falei, estávamos numa luta pela democratização dos sindicatos, um período anterior, inclusive, à Constituição de 1988. E essa luta pela tomada dos sindicatos, pela renovação e democratização dos sindicatos da nossa base, já debatia a necessidade de uma renovação do movimento sindical como um todo, a concepção das confederações, a visão do que seria o estatuto, de que uma diretoria tinha que ser eleita, de que os fóruns tinham que ser democráticos. Tudo isso já era um debate que ocorria antes de 1988. Em 1988, quando vem a Constituição, o movimento sindical faz uma batalha para regulamentar a autonomia sindical e também a renovação da concepção sindical.

Esse período anterior também é um período de necessidade de reorganização das centrais. A necessidade de uma central única dos trabalhadores foi um grande debate de que já participávamos e depois, como Contee, participamos ativamente. Então, já tinha modelo, por exemplo, de estatuto democrático de sindicato, que a gente já tinha elaborado. Depois elaboramos um modelo democrático de estatuto de confederação que, no Brasil, só nós temos. Só a Contee fez um estatuto democrático de confederação. As outras que existem, mesmo as progressistas, ainda mantêm um estatuto diferente do nosso. Mas o Wellington estava contando a história quando travou e pode responder também.

Wellington — Antes da fundação da Contee, houve a participação na Constituinte. Embora não fôssemos uma entidade nacional, o Florestan Fernandes, que era presidente da Comissão de Educação, constantemente queria ouvir a Fitee, porque a federação analisava do ponto de vista de classe. Foi-se ganhando espaço e mostrando que tínhamos que ter a entidade nacional. A Fitee nunca abriu mão dessa posição.

Madalena — Eu queria só, Wellington, fazer um adendo de que, nessa época da Constituinte, formamos aquele bloco em defesa da educação pública, o Fórum Nacional em Defesa da Educação Pública. Mesmo não existindo enquanto entidade nacional, já participávamos.

Wellington — Pois é, era a continuidade do fórum, que substituiu o Fórum em Defesa da Escola Pública que existia bem antes.

Madalena — Foi importante para garantir a educação pública no Brasil, porque eles queriam, na época da Constituinte, privatizar o ensino superior.

Wellington — Sem entrar em detalhes, diversos encontros foram realizados nesse período. A nova Constituição deu o novo quadro, uma liberdade e autonomia sindical. E nós, que sempre defendemos a unicidade sindical, conseguimos impedir, por exemplo, que o DNTE [Departamento Nacional dos Trabalhadores em Educação] encaminhasse a confederação da CUT, dentro da estrutura orgânica da CUT. Era o velho debate que se travou entre as centrais orgânicas. Isso conseguimos derrotar no processo, quando trouxemos o pessoal para a articulação nacional. Diversas plenárias nacionais também fo-

ram realizadas, aí já contando com os sindicatos de São Paulo. Uma muito significativa para o início da Contee foi realizada em Arrozal e o certo é que, quando chegamos ao início de 1990, já tinha praticamente se consolidado uma proposta de chapa, porque tinha uma diretoria provisória, eleita em Praia Grande, e essa diretoria e as articulações foram se consolidando a ponto de criar uma grande unidade entre aqueles que participavam do processo.

Teve uma plenária de fundação em 1990, mas o primeiro congresso, em 1991, mobilizou muito mais do que quem participava das mais variadas articulações. Um grupo de entidades foi para impedir a continuidade da Contee, no primeiro congresso. Brigamos na formação da chapa do congresso da Contee para que todas as entidades participassem, menos aquelas que estavam só querendo inviabilizar, que não confirmaram a sua filiação naquele momento (algumas depois conseguimos trazer de novo para a Contee). Todas participariam da primeira diretoria, que seria a diretoria do congresso, a diretoria de construção da entidade. Teve uma turma que não aceitava que o Sinpro São Paulo participasse da diretoria da Confederação. Foi uma guerra. O Santana foi a pessoa que foi conversar, acordar o Luiz Antônio Barbagli, né, Santana? Para que o Luiz Antônio fosse tesoureiro da Contee, dessa primeira diretoria.

Santana — Às 3 horas da manhã no Hotel Rádio.

Wellington — Aí conseguimos a unidade. A unidade foi construída com muita dificuldade, apesar de ter um grande núcleo já consolidado pelas plenárias, reuniões, encontros etc. A fundação da Contee, felizmente, se deve ao fim da ditadura, à nova Constituição e ao fato de a gente ter entidades que seguraram a peteca para que esta Confederação fosse fundada e iniciasse sua consolidação. Mas, basicamente, o Santana pode me complementar aí.

"Se racharmos uma entidade nacional em nome dessa ou daquela força, vamos contra o papel de fortalecer a luta de uma categoria"

Madalena Guasco

Táscia — Acho que o Petta quer falar também.

Madalena — Deixa o Petta falar.

Petta — É uma satisfação mesmo estar aqui com vocês para a gente relembrar momentos tão importantes da nossa vida política. Na exposição do Wellington, ele disse de todo esse trabalho que foi feito em vários estados e que São Paulo ficava fora disso porque tinha uma federação determinada que era liderada por um dos dois principais líderes deles contra a nossa visão no país, o Geraldo Mugayar, que era presidente da Federação dos Trabalhadores de Estabelecimentos de Ensino em São Paulo. Wellington e Madalena já levantaram, mas a partir do final de 1976 que fomos tentar descobrir o que era o sindicato, sendo que o sindicato de Campinas foi fundado em 1941 e o sindicato de São Paulo deve ser de 1938 ou 1939. Estávamos ainda no período da ditadura. Então, nos reunimos na casa de um, na casa de outro para conversar sobre os direitos dos professores e sobre como é que o sindicato atuava.

Essa história é longa, mas queria pegar um fato que foi muito significativo e que deu um passo grande para a vitória desse grupo que se organizava reunindo semanalmente. No dia 30 de outubro de 1980, tínhamos já contratado uma empresa de São Paulo para saber o que o sindicato fazia, para ver quando tinha assembleia do sindicato, porque eles omitiam e não permitiam a filiação. Foi marcado um encontro no dia 30 de outubro à tarde, na sede do sindicato, e levamos a imprensa. Quando eu estava saindo de casa, recebo pelo Correio uma informação de que teria duas assembleias no dia 2 de novembro, Dia de Finados, que a diretoria do sindicato convocava para discutir campanha salarial e taxa assistencial. Então, fui com o comunicado na mão e, no meio da reunião, a gente perguntou: "Presidente, o senhor

convocou alguma assembleia para campanha salarial?". "Não, não convoquei assembleia nenhuma." Aí li que tinham sido convocada duas assembleias para o dia 2 de novembro. Isso rachou a diretoria do sindicato, porque vários diretores não sabiam que o presidente estava fazendo isso. Então, acabamos com três chapas em 1981 e conseguimos ganhar a diretoria do Sindicato dos Professores de Campinas.

E eu queria dizer, Pompe, que a primeira atividade que eu fiz foi ir ao encontro nacional...

Gilson — Conclat.

Petta — Isso. Ao Conclat, em 1981, em que você estava presente.

Gilson — Pompe era nossa referência, com seu boné.

Petta — O partido era muito pequeno e o Pompe era um dos participantes. Eu não era afiliado, mas ele era um dos participantes lá.

A outra coisa que eu queria contar para vocês mineiros é o seguinte (aí é um "causo" para a Táscia, viu, Táscia?): num encontro que houve nos anos 1980, em 1° de maio, em Campinas, tinha uma disputa enorme para ver quem ia falar. Os estudantes se dividiram um minuto e meio para uma tendência, um minuto e meio para outra tendência, tamanha estava sendo a disputa. Tinha petroleiro, metalúrgico, professor, estavam formando o PT, enfim, tinha muitos sindicatos. Eu era um dos coordenadores do evento. No meio dessa confusão, se aproxima um rapaz de mim e diz: "Eu quero falar". Eu falei: "Mas você representa o quê?". Ele falou: "Eu represento muito mais do que a soma de todos esses que estão aqui". Na época, eu conhecia todo o pessoal de movimento sindical, participava de todas as reuniões. Falei: "Mas eu não te conheço. De que entidade que você é?". "Eu sou da Associação dos Mineiros de Campinas. Eu quero falar porque a soma dos mineiros de Campinas é maior do que a soma dos metalúrgicos, professores..." Realmente tem muito mineiro, mas para convencer o sujeito de que não era para ele falar, porque era um movimento sindical, foi difícil. [risos]

Madalena — Táscia, eu queria falar sobre a questão da unidade da Contee, que acho que essa é uma linha que vale a pena a gente resgatar. O Wellington contou da dificuldade que foi e da importância que tinha na formação de uma entidade nacional a congregação dos sindicatos todos que tinham passado pela redemocratização, como o próprio Petta está contando sobre o processo do Sinpro Campinas. A única referência que tínhamos de entidade sindical era a entidade sindical pelega, a



confederação pelega. E também a luta, durante a ditadura, de entidades que se congregaram nacionalmente (como, por exemplo, a Andes) e que eram referências que conseguiam fazer grandes congressos e encontros.

Essa congregação era fundamental porque, também nesse período, estávamos reconstruindo as federações. Quando você reconstrói os sindicatos, você tem que reconstruir as federações, e tínhamos as federações pelegas que precisavam ser reconstruídas na medida em que você conseguia tomar a direção do sindicato. Em São Paulo existia uma oposição muito forte na PUC-SP. A PUC-SP era oposição ao Sinpro São Paulo. Assim como o Petta ficava descobrindo que tinha assembleia, nós também. Não só não podíamos nos sindicalizar, os professores, como também não éramos convocados para assembleia. A gente descobria a assembleia e entrava clandestinamente. Aí o Leopoldino mandava a tropa de choque dele expulsar a gente. Lúcio Flávio, por exemplo, era uma liderança nesse período da PUC-SP, em que eu era da direção da Apropuc. No final, o Leopoldino percebeu que não dava para expulsar a gente, que a gente estava articulando uma oposição para tomar o sindicato. Aí ele permitia que a gente entrasse sem direito de voto.

Tínhamos uma oposição formada, com presidente e tudo. Só que o Zambon, o Luiz Antônio e outros, que faziam parte da diretoria do Leopoldino, decidiram, por conta própria, rachar e formaram uma oposição por dentro. E fomos informados de que essa oposição ia tomar o sindicato e sentamos para negociar. O que nós exigimos? Duas coisas: abertura democrática da entidade e abertura de sindicalização. Eles concordam e fizeram isso. Ganharam as eleições e um dos primeiros atos foi abrir para haver assembleias e sindicalização. Foi feita uma grande campanha de sindicalização e os professores que eram proibidos de sindicalizar se sindicalizaram. Eu, por exemplo, fui sindicalizada nesse período. Não exigimos participar da diretoria.

"Acabamos com três chapas em 1981 e conseguimos ganhar a diretoria do Sindicato dos Professores de Campinas"

Augusto Petta

Agora, veja, existe uma história e é uma história que vai tendo como referência a necessidade de ter uma entidade nacional. Só que entre a vontade de ter e a possiblidade de construir existe uma diferença. Tivemos que juntar a oportunidade de ter com a vontade de construir e, nessa vontade de construir, tivemos dificuldades de disputa, de compreensão do papel da entidade. Eu acho que o que estava em disputa ali é o papel da entidade. Qual é o papel de uma entidade naquele momento e em vários momentos? A discussão da unidade sempre foi vinculada a isso. Hoje, a Contee tem diferentes forças, não é fácil construir unidade, mas a gente sempre pergunta: "Qual é o papel da entidade?" Porque, se nós racharmos uma entidade nacional em nome dessa ou daquela força, você vai contra o papel que a entidade nacional tem, que é o papel de fortalecer a luta de uma categoria.

Tivemos que construir também, teoricamente, o que era essa categoria. Acho que o Edson de Paula, por exemplo, foi uma pessoa fundamental quando trouxe para dentro da Contee o debate da regulamentação da educação privada. Foi o Edson que trouxe esse debate, porque ninguém sabia o que queria dizer isso. E a tendência pós-Constituição era de ter uma luta pela desregulamentação; a rede privada tinha tendência a crescer de forma desregulada.

Vários encontros foram feitos no ensino superior para elaborar uma política de unidade na Contee, vários encontros sindicais, de mulheres, de vários tipos para elaborar uma plataforma política da entidade. E, como tínhamos o estatuto democrático, esse foi sempre um outro debate. Um estatuto democrático em que quem vota são os delegados e também um congresso demo-

crático com plano de luta elaborado democraticamente.

Disputas ocorreram. Nesse congresso que o Wellington contou, a gente ficava dentro do congresso porque tinha uma lista de pessoas para falar contra a Contee, que não deixavam ninguém falar, e, na hora que deu a confusão, fechou o congresso. Vocês lembram disso? Teve que fechar o congresso. Foi uma hora ótima, porque, assim como os mineiros gostam do mar, nós, mulheres, saímos tudo correndo para fazer compra e depois voltamos para o congresso, porque a gente não tinha tempo nem para respirar: era disputa o tempo inteiro nesse início da Contee.

Faço questão de contar isso por quê? Porque existem compreensões. Tivemos brigas em assembleias da Contee muito graves. A gente fazia reunião lá no Arouche, no último andar, que tinha uma janela imensa. E uma vez teve uma briga de murro lá e ficamos com medo de um cair em cima da janela. Você lembra, né, Petta? Tivemos muitas dificuldades. De, no meio de uma discussão, quando Petta era presidente da Contee, alguém chutar todas as cadeiras e sair. Isso foi uma história de busca de rumo, vamos dizer assim. Busca de rumo e de construção de respeito.

Não é simples numa confederação do tamanho da nossa. Não é fácil de conquistar, mas acho fundamental divulgar isso porque faz parte da nossa história. E hoje, por mais que a gente tenha dificuldades internas, somos a única entidade que tem uma unidade do jeito que temos. Internacionalmente, o pessoal acha espantoso a gente ter congresso com chapa única, entendeu? O pessoal acha espantoso terminar um congresso com unidade entre tantas forças e concepções diferentes. Isso é importante para mostrar que essa é uma característica muito construída coletivamente, com muita produção teórica conjunta de elaboração de uma entidade que só existe no Brasil. Uma entidade que congrega a rede privada da educação só existe no Brasil.

"A democratização, vivida com a experiência da Fitee, serviu de base para o estatuto da Contee."

Wellington Teixeira

Uma das dificuldades que enfrentamos foi exatamente essa. Quando aparecemos no cenário nacional, as outras entidades não gostavam da gente. Achavam que íamos para a disputa defender os interesses da rede privada. Confundiam os trabalhadores da rede privada com os interesses da rede privada. Foi uma luta também mostrar que éramos uma entidade que congregava os profissionais da rede privada, mas que tínhamos como perspectiva a criação de um sistema público de educação, democrático, inclusivo etc. Foi outra construção que exigiu da nossa parte também uma grande unidade, porque as entidades não queriam saber de unidade com a gente. Não participavam quando a gente convidava para virem ao nosso congresso. Só depois é que, entendendo nosso papel, começaram a nos respeitar nacionalmente e vir para o nosso congresso participar também das elaborações políticas da Contee.

Táscia — Essa construção de que você está falando, Madá, pelo que estou vendo aqui, é uma história de muito mais de 30 anos. São 30 anos oficialmente, mas a história da Contee é muito maior e essa construção é diária e continua se dando até hoje, né? Se deu na gestão do Wellington, na gestão do Petta, na sua, tem se dado na gestão do Gilson, diariamente.

Madalena — São conjunturas diferentes, momentos diferentes da construção da unidade. Conjunturas fundamentais, todas elas importantes para a história. O Wellington no período da redemocratização, da construção da entidade. O Petta já no período da luta contra o neoliberalismo...

Petta — Que coincide com Fernando Henrique.

Madalena — É. A luta contra o neoliberalismo na década de 90. Depois eu, quando legalizou a Contee e a Confederação passou a ter uma vida melhor, a ter di-

nheiro. A gente não tinha dinheiro para fazer nem congresso. A gente fazia um esforço enorme. Depois de todo um processo de que o Santana participou e no qual nos ajudou, conseguimos legalizar a Contee, ter dinheiro e fazer eventos maiores, mais potentes etc. Mas foi todo um processo.

Eu entro já naquela conjuntura entre o final da década de 90 e o início da construção do governo democrático popular do Lula. E nesse período a Contee também foi fundamental porque começou a elaborar políticas públicas. Antes, no governo Fernando Henrique, ele não convidava nenhuma entidade sindical, não existia nenhuma relação com o movimento sindical, nem com o movimento social. As relações com movimentos sociais e sindical começou a existir com o Lula. Começamos a participar de en contros no Palácio do Planalto, lembra, Petta? Chiquérrimos, né?

Começamos a ter que usar terno para entrar no Congresso Nacional. E começar a fazer parte de comissões para elaborar política pública. Foi um outro momento da Contee, outra conjuntura.

E agora o Gilson pegou a Contee na conjuntura de retrocesso, no período de ultraliberalismo, no período de fim do movimento sindical, de ataque, de desestruturação completa do movimento sindical. Então, é um outro desafio que estamos tendo agora com a liderança do Gilson na coordenação.

Táscia — Quer falar um pouquinho, Santana?



Santana — Não tenho credencial de presidente nem ex-presidente, mas, se me for possível, quero sim. Vou começar minha singela abordagem pela questão que você suscitou, Táscia. O marco inicial da Contee não é a assembleia geral realizada na Colônia do Sinpro São Paulo, em Praia Grande, em novembro de 1990. Ali é o coroamento de um processo que se iniciou antes. Tomo como o marco inicial o encontro de Arrozal, no município de Piraí, em novembro de 1986.

Táscia — O Wellington citou aqui, quando sua conexão tinha caído.

Santana — Eu, Petta, Wellington, Luiz Antônio, Zé Roberto, o falecido Paulo Rogério, Edson, Ricardo do ABC, que depois se tornou parlamentar. Ali tivemos efetivamente o primeiro embrião que culminou com a criação da Contee em 1990, mas concordo com o Wellington que isso começou antes.

Acrescentaria aqui um marco importante, que ainda vai ser discutido, mas que merece ser estudado com maior profundidade: um conselho de representantes da Fitee realizado em Manaus, em fevereiro de 1981. Pela primeira vez na história da Fitee havia três entidades sindicais de oposição à direção: Sinpro Minas, Sinpro-Rio e Sinpro Goiás. Sílvio era o presidente, eu era o vice-presidente. Ali, começamos um processo de retomada da federação.

Ainda em 1981 tivemos a Conclat que o Petta citou. Creio que só você e Gilson, por serem bem mais jovens, é que não estiveram. Eu, Pompe, Madá... Madalena, você esteve também? Você eu não me lembro.

Madalena — Estive. Eu era bem

jovem, por isso que você não lembra, tá bom? [risos]

Santana — Não, com certeza. Faz 40 anos. Eu, Petta, Wellington, Pompe participamos. Na Conclat de 81 conhecemos Petta, que tinha acabado de ganhar o Sindicato de Campinas, e aí fomos crescendo. Começamos a criar o processo de redemocratização da Fitee e esse processo foi fundamental para o fortalecimento do movimento sindical da nossa área e para a Confederação.

Citei o marco, o Arrozal, em 1986. Depois tivemos alguns encontros realizados em São Paulo e Brasília. A CNTEEC, que era rejeitada por quase todos, resolveu fazer um encontro e isso foi realmente um grande erro político dela, porque lá a primeira derrota que lhe impusemos foi o registro da Fepesp, que não tinha nem carta sindical ainda. Ela não aceitava o credenciamento da Fepesp e nós conseguimos credenciá-la. Conseguimos mais do que isso: todas as bandeiras que defendemos ao longo do encontro foram aprovadas. Claro que nenhuma foi implementada, a CNTEEC não realizou mais nenhum encontro, mas foi um marco importante.

Por isso é que insisto que o evento de 1990 foi o coroamento de um processo longo e aí, Madalena, nós podemos citar também a Conferência Brasileira de Educação, o Congresso da Andes em Goiás.



Madalena — Isso.

Santana — Você citou o da Bahia. Todos eles foram importantes para conhecimento entre nós e para o fortalecimento da nossa unidade, não é isso?

Petta — Exatamente.

Santana — Quero abordar a questão que o Pompe suscitou brevemente, mas antes destacar o seguinte. Você tocou, Madalena, em um ponto que considero fundamental, que chamo de simbolismo da Contee. Para mim, são três atos praticados pela Contee que realmente são simbólicos e que merecem registro histórico. Primeiro, conseguir a difícil unidade entre as entidades sindicais de professores e de administrativos, que levasse à criação. Sabemos como eram as relações. Aliás, até dez anos após a criação da Contee, as relações eram basicamente selvagens nos nossos encontros. Você citou o caso lá de São Paulo, do risco, inclusive de morte, que muitos sofreram. Então, para mim, isso é o ponto fundamental. Entre nós só havia

dois consensos. Primeiro, rejeitávamos integralmente a CNTEEC. Sabíamos que ela não tinha condições de nos representar, precisávamos criar outra entidade. E qual era o outro consenso? Que divergíamos em tudo mais. Isso era o consenso que existia.

Táscia — Esse consenso é ótimo. [risos]

Santana — Quando me lembro desse período histórico do movimento sindical, me lembro do poema do poeta português Sá de Miranda: "Comigo me desavim,/ Sou posto em todo perigo;/ Não posso viver comigo/ Nem posso fugir de mim". Assim era nossa atuação no movimento sindical. Cada um era mais exclusivista, mais intragável do que o outro. De um lado e de outro, não é verdade, Petta?

Petta — Exato.

Santana — Para mim esse foi o primeiro grande ato de simbolismo da construção da Contee. O segundo que você abordou, com o qual concordo plenamente, é o seguinte: a Contee rompeu os grilhões da estrutura sindical ao permitir, no seu estatuto, que a ela se filiassem sindicatos e federações. Ela rompeu porque até então somente as federações podiam fundar uma confederação e a ela filiar-se. Foi a primeira e, como você cita, no âmbito do mundo do trabalho regido pela CLT, é a única que permite isso. Então, ela contribuiu decisivamente para a democratização das entidades sindicais, notadamente em segundo e terceiro grau, se assim podemos chamar. Federações e confederações.

E o terceiro ato de simbolismo que considero fundamental na história da Contee foi garantir a participação de todas as correntes na composição de sua diretoria. Garantir a pluralidade. Tenho para mim que seja o único caso porque, nos outros, há possibilidade, mas com tantas ressalvas que muitos nem conseguem. A Contee, se bem me lembro — e participei desde o primeiro ato em que se pensou sua criação —, nunca teve uma direção que não fosse composta por todas as correntes sindicais. Se não me engano, só aquela de Brasília em que você se elegeu pela segunda vez, Madalena, é que efetivamente fomos à disputa, mas ainda assim ficou garantida a composição. E, mais importante, o estatuto assegura que, no caso de substituição de dirigente, é mantida a proporcionalidade.

Você abordou a questão de que a Contee era rejeitada, isso também é outro fator que a torna especial. Em 30 anos — que, do ponto de vista histórico, representam um tempo mínimo, insignificante —, a Contee fez-se conhecida, respeitada e acreditada. Ao início, ela era rejeitada sistematicamente. Hoje, ela é... Não quero ser nenhum ufanista para dizer "a mais acreditada", mas ela é, sem dúvida nenhuma, no campo das confederações, uma das mais acreditadas no movimento social e no movimento político por sua atuação.

A história da Contee realmente merece ser escrita, guardada nos anais, porque com certeza isso vai contribuir ainda muito mais para o fortalecimento do movimento sindical.

Táscia — Petta, você me prometeu histórias. Então, ao menos uma, mesmo que seja sem nome,- você vai ter que me contar. [risos]

Petta — Vou lembrar uma. Em 1994 fui eleito presidente da Contee num congresso em Juiz de Fora. Foi um congresso que saiu uma outra chapa liderada pelo pessoal de Pernambuco, que juntou com algum sindicato do interior do Rio, mas não conseguiu o mínimo necessário para ter representação na diretoria. Então, praticamente, foi unitário. Mas foi muita briga também e aí, quando fomos eleitos, vários discursaram dizendo da importância da unidade, da importância de o Lula ser presidente da República (porque em 1994 ele era candidato), que nos juntamos para isso, para que o Lula ganhasse também. E aí o secretário-geral, Ricardo Alvarez, que agora é parlamentar, como o Santana mencionou, disse para mim assim: "Olha, vamos aproveitar esse momento que todo mundo está dizendo que é ótimo, que estamos juntos e tal, porque a partir de amanhã começa a brigar tudo de novo".

Outro caso é o seguinte: teve um momento que fomos convidados para ir para o Equador, para Portugal e para a Argentina, em três eventos diferentes. E, como eu era presidente da Contee, o pessoal falou: "Você

escolhe para onde você vai. Depois que você escolher, então a gente vê aqui quem que vai para os outros lugares". Pensei no que a Contee ia ser representada e falei: "Quero ir para o Equador". Quando cheguei em casa e falei para meus filhos que podia ir para Portugal, para o Equador ou para a Argentina e escolhi Equador, eles falaram: "Só você mesmo para essas coisas". Mas deu tudo certo, fui para o Equador, foi muito bom. O Wellingtonntambém foi. E o João Luís, né, Wellington? Lembra que nós fomos?

Madalena — O Wellington foi o inaugurador das relações internacionais da Contee. Foi a pessoa que colocou a Contee no âmbito internacional, na articulação com as outras entidades. Ele tinha isso muito presente na fundação e era muito difícil de as outras forças compreenderem essa importância, porque a gente ainda estava consolidando a entidade nacionalmente, então o pessoal achava um desperdício de tempo a Contee ficar se relacionando internacionalmente. "Para que isso? A gente não tem nem força para fazer nacionalmente." Essa foi outra batalha importante que foi sendo construída na Contee, a importância de a Contee também se relacionar internacionalmente com outras entidades, participar de encontros e de atividades internacionais. Depois, com essa compreensão cada vez mais solidária, a gente cria a Secretaria de Relações Internacionais.

Petta — Lá no Equador, Táscia, não lembro se o Wellington foi à escola ou foi para outro compromisso, mas lembro do João Luís e eu indo para uma que ia nos receber. Tomamos um bom café de manhã, porque umas 9h ou 9h30 a gente teria que estar na escola. Quando chegamos, a escola parou. Os professores todos vieram para uma sala e disseram: "Bom, agora vamos tomar nosso café". O café tinha bisteca de porco, tinha batata, tinha não sei o quê, e a gente já tinha tomado café. Passamos um aperto ali. Acabei comendo um pouquinho, deixando o resto de lado, pedindo desculpas, e as professoras: "Ah, não tem problema nenhum", mas elas tinham preparado tudo para a gente...

"A Contee rompeu grilhões da estrutura sindical, o que contribuiu decisivamente para a democratização das entidades sindicais"

José Geraldo de Santana

Madalena — O Petta, com essa coisa de comer, tem um monte de história, sabe? Por exemplo, fizemos um congresso da Contee, ou encontro, não me lembro, no Nordeste, na época das festas juninas, lembra? Aí, claro, terminou o encontro, a gente foi para a festa. Era um monte de barraca com um monte de comida. O Petta olhava, olhava, olhava, nada ele queria comer. Tudo ele falava: "Não, isso eu não vou comer". E não ia comer nada. Aí, no fim, ele estava comendo um galetinho. O galetinho ele gostou, estava comendo. Aí, no meio da comida, falei: "Isso é pombo, Petta". Ele quase morreu. [risos]

Gilson — Táscia, eu queria deixar registrado também um fato que me marcou, acho que Petta e outras pessoas também. Em 1991, a gente vai para o congresso de fundação da Contee e, em 1991 ou 1992, é criado o primeiro curso nacional do CES [Centro Nacional de Estudos Sindicais e do Trabalho]. E grande parte das pessoas que foram para esses cursos era da rede privada e da educação pública. Tinha gente do Sinpro Campinas, de Juiz de Fora, de Alagoas, de Pernambuco, e ali foi muito importante porque, de certa maneira, houve essa nova geração de sindicalistas que chegou e foi se consolidando a partir desse processo de formação sindical que se iniciou ali. Tinha cerca de 40 pessoas nesse curso, mas grande parte era ligada à educação e, especificamente, ao setor privado de educação, porque vinha também desse processo de tomada de sindicatos e necessidade de formação de novos quadros que viriam a assumir postos importantes na luta sindical brasileira. Tem muitos casos interessantes do ponto de vista da resenha, mas eu queria deixar registrado porque também, com a criação da Contee, abriu-se a necessidade de formar novos diri-

gentes para continuar a construção do processo.

Petta — Esse curso foi em julho de 1992, Gilson, e até hoje é considerado como um dos momentos de maior frio em São Paulo. Os baianos trouxeram uns instrumentos, cantavam no começo. Mas, quando o frio apertou, eles eram os primeiros a ir embora para o hotel. Foi um curso muito marcante também para mim. O primeiro curso.

Táscia — Eu queria perguntar, Gilson, como é hoje, neste momento tão difícil pelo qual estamos passando, estar à frente dessa entidade que tem essa história tão importante?

Gilson — Acho que o DNA da entidade é constituído pela sua história e, na verdade, essa história resgatada aqui por todos demonstra que a entidade tem como princípio elementar, ao longo desses 30 anos, a busca permanente e incessante da unidade. Ela surge no período pós-Conclat, pós-fundação da CUT, mas tem muita paciência histórica no sentido de trazer e atrair as principais correntes políticas do sindicalismo classista para o seu interior. É uma entidade que amadureceu de forma bastante plena para chegar ao último congresso, no qual somos eleitos, e criar uma chapa única. Uma entidade que, depois de socos e pontapés, depois de brigas e ações, depois de enfrentamentos a todo tipo de sindicalismo, desde o sindicalismo pelego até o sindicalismo chapa branca, constitui-se muito importante historicamente.

Temos, a partir dessa unidade, buscado construir nossos rumos diante de toda as dificuldades impostas pelo governo, pela legislação, pelas reformas, pelo trabalho remoto... Mas é uma entidade que demonstra muita vitalidade, consolidada e solidificada numa rocha dura e consistente que é sua construção histórica e seus compromissos históricos. Por isso, precisamos cada vez mais preservar essa história, continuar no processo de amplitude da Contee, na construção dos seus próximos anos, suas próximas décadas, e dizer que ela pode e deve ajudar outros setores do movimento sindical brasileiro.

Esse é um tema que me parece que deve vir à tona no próximo período. Nosso movimento sindical está muito fragilizado, muito enfraquecido. Não é possível mais termos centrais e sindicatos com base em uma única corrente política ou de um partido político. É preciso ampliar o movimento para



que a gente possa resgatar nossa capacidade de enfrentamento à desordem apresentada pelo capitalismo e ao conjunto de perdas que estamos tendo ao longo dos últimos anos.

A Contee é essa história rica de muitas dificuldades, mas de muita lealdade também. Nossa grande missão no próximo período é manter e ampliar essa unidade. Madalena fala no nosso último congresso, em que estavam delegações da Europa, aqui da América Latina, de várias partes do mundo, todas sem compreender direito nossa capacidade de aglutinar, de construir unidade. E, no meio de tanta confusão (nossos congressos sempre são muito disputados), a gente conseguir trazer uma chapa única... Esse é um tesouro que devemos cuidar com muito carinho.

Táscia — Você falou em rocha resistente. Mais resistente que as pedras lá de Guarapari, né, Gilson? [risos]

Madalena — Nesse congresso em que foi feito chapa única, em que Gilson foi eleito, contei no meu diário: fizemos 42 reuniões de bastidor, que aconteceram enquanto o congresso estava rolando na plenária. Depois, mais 14 reuniões de madrugada, porque ainda precisava ter reunião de forças. Já que você gosta de "causo", a gente teve um monte de "causo" de contestação durante a coisa, que as pessoas vão ficar bravas se contar aqui, mas só para dar um exemplo do que acontece no bastidor. Nada é muito simples de construir, mas o esforço para construção dessa unidade é fundamental...

contee 30 Anos
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino

FRAGMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA EM IMAGENS






contee 30 anos
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO — CONTEE
SAUDAMOS OS PARTICIPANTES DO ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
RIO DE JANEIRO, 14 A 16 DE JULHO DE 1998
contee
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
Metalúrgicos da Bahia
LANÇAMENTO DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA
EDUCAÇÃO, DEMOCRACIA E QUALIDADE SOCIAL
OAB
CONSELHO FEDERAL
VI SEMINÁRIO JURÍDICO DA CONTEE
CONAE 2010
Conferência Nacional de Educação
CONSTRUINDO O SISTEMA NACIONAL ARTICULADO DE EDUCAÇÃO:
O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS DE AÇ
educação


contee 30 Anos
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
FORA FHC!
contee
PELA CPI JÁ!
CONTEE Filiado CUT e CEA
CONFERENCIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO BAS
14 A 18 DE ABRIL DE 2008 BRASÍLIA - DF
o não é mercadoria
Gestão democrática
Regulação do setor privado
contee
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
VII CONATEE
O setor privado de ensino no sistema nacional de educação: regulamentação e garantia de qualidade
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO



















Use o QR-Code ao lado
para acessar
o acervo digital
dos 30 anos da Contee

Renasce uma democracia, nasce uma confederação



Cartoon de Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues (lor)

O ambiente sindical em que se forjou a Contee

/por Carlos Pompe

Em 1990, quando os sindicalistas que atuavam nos estabelecimentos de ensino privado decidiram fundar a Confederação para representar nacionalmente a categoria, "o país passava por uma fase de multidões nas ruas, palavras de ordem contra os ataques aos trabalhadores, faixas e cartazes combativos, tumulto. A repressão respondia com bombas de gás lacrimogêneo. Era o desdobramento da encruzilhada com que o país se deparou após a crise que levou ao fim da ditadura militar", relata Osvaldo Bertolino, autor do livro Da CUT à CTB.

Segundo ele, “se em 1989 não fosse eleito um governo comprometido com o desenvolvImento, o país submergirIa na degradação social. Essa previsão foi confirmada pelos governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. Eles se elegeram prometendo uma coisa, mas fizeram outra”.

Pouco antes de a Contee ser fundada, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) realizou, em agosto, uma plenária nacional “que aprovou um Plano de Lutas para enfrentar de forma ‘global e nacional’ o ‘projeto Collor’, apelidado pelo próprio presidente de Projeto Brasil Novo — eufemismo de projeto neoliberal”, diz Bertolino.

Os anos Collor/FHC

Nos anos que se seguiram, a Contee foi se firmando articulando os sindicatos da categoria, participando e protagonizando ações que forjavam o enfrentamento dos trabalhadores às medidas antipovo e antinacionais dos governos centrais. Assim foi com a convocação da greve geral contra o governo para os dias 22 e 23 de maio de 1991. A palavra de ordem Fora, Collor!, pelo afastamento do presidente da República, foi incorporada pelas entidades sindicais e populares, resultando em grande ato em maio de 1991.

Em 13 de maio de 1992, os trabalhadores se manifestaram em todo o país exigindo a saída de Collor. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), instalada pelo Congresso Nacional para apurar as denúncias de corrupção, avançava e as manifestações se multiplicavam. No dia 29 de setembro, a Câmara dos Deputados aprovou a abertura do processo de impeachment de Collor. Já fora do cargo, ele renunciou ao mandato em 29 de dezembro.

Com Collor fora, assumiu o vice-presidente, Itamar Franco, que nomeou Fernando Henrique Cardoso (FHC) para o Ministério da Fazenda. O ministro anunciou que colocaria “a casa em ordem”. Sua primeira investida contra os trabalhadores foi a ferrenha oposição à lei que possibilitava melhoria salarial, aprovada pelo Congresso Nacional.

Contra o neoliberalismo, os trabalhadores reagiram com greves e manifestações

Os trabalhadores reagiram com greves e manifestações. As entidades sindicais programaram para 16 de março de 1994 o Dia Nacional de Lutas Contra o Arrocho da URV — a Unidade Real de Valor, forma adotada para fazer a transição do referencial monetário de cruzeiro para real. Na semana seguinte, os protestos se repetiram. FHC lançou o Plano Real e deixou o Ministério da Fazenda para oficializar a sua candidatura à Presidência da República.

Durante o período, a Previdência Social e a proposta de reformas na legislação trabalhista estavam entre os principais alvos da política neoliberal que vinha sendo implantada no país. Durante os governos FHC (1995-2002), os índices de desemprego e de empregos informais aumentaram (Ipea, 2000) e foram implementadas políticas desfavorá- veis aos trabalhadores e suas organizações, como a desindexação dos salários e a desvinculação do reajuste do salário mínimo da inflação. Em particular, “os petroleiros sentiram o gosto de chumbo, tão comum aos trabalhadores durante a ditadura, com a ocupação militar das refinarias pelo Exército durante a greve da categoria já no início de 1995. Em todo o país, o movimento sindical, chocado, organizou-se para prestar solidariedade às vítimas da truculência neoliberal”, lembra Bertolino.

No dia 21 de junho de 1996, uma greve geral foi realizada contra a política de privatização, flexibilização de direitos trabalhistas e desemprego. Segundo as centrais sindicais, o movimento conseguiu atingir 12 milhões de trabalhadores brasileiros – 19% da população economicamente ativa. No dia 25 de abril de 1997, os trabalhadores voltariam a protestar contra os efeitos do Plano

Real. Brasília foi ocupada por uma multidão de trabalhadores. As "reformas" da Previdência e da legislação trabalhista despertavam um aceso debate no país.

Nova fase na vida nacional

Com a vitória da Frente Brasil Popular e a eleição para a Presidência da República do ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo/SP, Luiz Inácio Lula da Silva (2003-10), seguido pelo governo Dilma Roussef (2011-16), ambos do Partido dos Trabalhadores (PT), inaugurou-se uma nova fase na história do país e foram colocados novos desafios para o movimento sindical.

Segundo Cauê Vieira Campos (As relações entre o movimento sindical e os governos petistas – 2003-2016), durante a gestão Lula, "de um lado, os trabalhadores esperavam a melhora das condições de vida, o fim da miséria e das desigualdades abissais, e a reversão das medidas neoliberais dos governos antecessores; de outro, o capital financeiro e industrial esperava que Lula e o PT aproveitassem da sua popularidade para implementar as medidas liberalizantes que FHC não conseguiu fazer".

O Comitê Gestor do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), órgão governamental, em 2010, avaliou que o primeiro mandato de Lula havia sido para "arrumar a casa", com medidas que favoreciam o capital na economia e eram de austeridade para a classe trabalhadora, pretextando evitar a desestabilização política.

Em 2003, Lula realizou a Reforma da Previdência, contrariando os sindicatos de servidores públicos, que se opuseram à taxação dos inativos, ao fim da aposentadoria integral, à paridade entre ativos e inativos, bem como à criação de fundos de pensão. A marcha a Brasília, de protesto contra essas medidas, reuniu 50 mil trabalhadores na capital federal.

A política de aumento real do salário mínimo era reivindicação antiga das entidades sindicais

O governo Lula lançou dois órgãos paritários e tripartites (composto por Estado/governo, patronato e trabalhadores) visando discutir e encaminhar propostas de reformas da Previdência, Tributária, Trabalhista e Sindical: o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) e o Fórum Nacional do Trabalho (FNT). Ambos não conseguiram avançar no que se propuseram. Por outro lado, no seu primeiro mandato Lula adotou a política de valorização do trabalho, com o aumento real do salário mínimo. Essa política era antiga reivindicação das entidades sindicais, que realizaram entre 2004 e 2006 três marchas a Brasília em sua defesa. A partir de 2008, foi conquistada a vinculação do reajuste do salário mínimo à inflação mais a variação do Produto Interno Bruto (PIB) nos dois anos anteriores – política abandonada após o golpe que substituiu Dilma por Michel Temer na Presidência da República e favoreceu a eleição do candidata da extrema-direita, Jair Bolsonaro.

No segundo mandato, Lula anunciou o PAC, que criou empregos, principalmente no setor da construção civil. Registra-se, também, a partir de 2004, crescimento lento e gradual da ação sindical e grevista. As mobilizações trabalhistas ocorrem por melhores condições de trabalho e salário e pela ampliação de direitos.

Durante o governo Dilma Rousseff não acontece o crescimento econômico que ela pretendia e a economia desacelera, inclusive devido à crise econômica mundial, que levou à maxidesvalorização de commodities brasileiras, configurando um cenário de estagnação (2011-2013) seguido por recessão (a partir de 2014). Os trabalhadores retomam as greves, a partir de 2012 (só nesse ano, foram 887 paralisações), por mais investimento em áreas sociais e melhor remuneração do trabalho, no sentido inverso das demandas do capital,

que pretendia a diminuição do valor pago aos salários e aos impostos e a retirada de direitos trabalhistas.

Após sua reeleição, Dilma favorece ainda mais ao capital financeiro e Joaquim Levy, economista-chefe do Bradesco, torna-se Ministro da Fazenda (no governo Bolsonaro, presidiu o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, antes de voltar às atividades privadas no Banco Safra). Mas sua gestão não satisfez ao grande capital e também descontentou assalariados e setores médios da sociedade.

Em 2013, várias capitais são marcadas por protestos juvenis contra o aumento da passagem do transporte público. Em São Paulo, manifestação de 20 mil pessoas é duramente reprimida pela Polícia Militar. Setores da direita, interessados em depor Dilma, passam a alimentar os protestos e, em seguida, 2 milhões de pessoas foram às ruas pelo país, por educação, saúde, transporte público, segurança e uma infinidade de outras reivindicações, atacando não só o governo, mas a política, os políticos, a sociedade civil organizada, os poderes da República, a democracia...

Desde a reeleição de Dilma, em 2014, direita e ultradireita iniciaram manifestações pelo impeachment da presidenta e até mesmo por "intervenção militar" convocadas por partidos como PSDB e Democratas. O ano de 2015 registrou manifestações contrárias (maiores) e favoráveis (menores) ao governo. Em dezembro, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), como presidente da Câmara de Deputados, aceitou o pedido de afastamento da presidenta, mesmo sem um ato criminoso da parte dela que lhe servisse de base.

Golpe do capital contra o trabalho

O movimento sindical se mobilizou em defesa da democracia, mas o golpe jurídico-parlamentar se efetivou no dia 31 de agosto de 2016, resultando na cassação do mandato de Dilma. Seu vice-presidente e um dos articuladores do golpe, Michel Temer (MDB), já estava no exercício da Presidência desde 12 de maio, devido ao afastamento da titular com o processo de impeachment.

Durante toda sua história, a Contee se posicionou com firmeza e coerência em defesa dos trabalhadores e seus direitos conquistados

O governo golpista favoreceu o capital e atacou os trabalhadores, tendo como principal marco a Reforma Trabalhista de 2017 e o favorecimento da eleição do candidato da extrema-direita, Bolsonaro. A Reforma Trabalhista, enviada por Temer ao Congresso, que a tornou ainda mais dura contra os assalariados, tirou o protagonismo de negociação dos sindicatos sob os acordos e convenções coletivas e favoreceu o arrocho salarial. Assim cono seu sucessor, Temer investiu também contra os direitos dos aposentados.

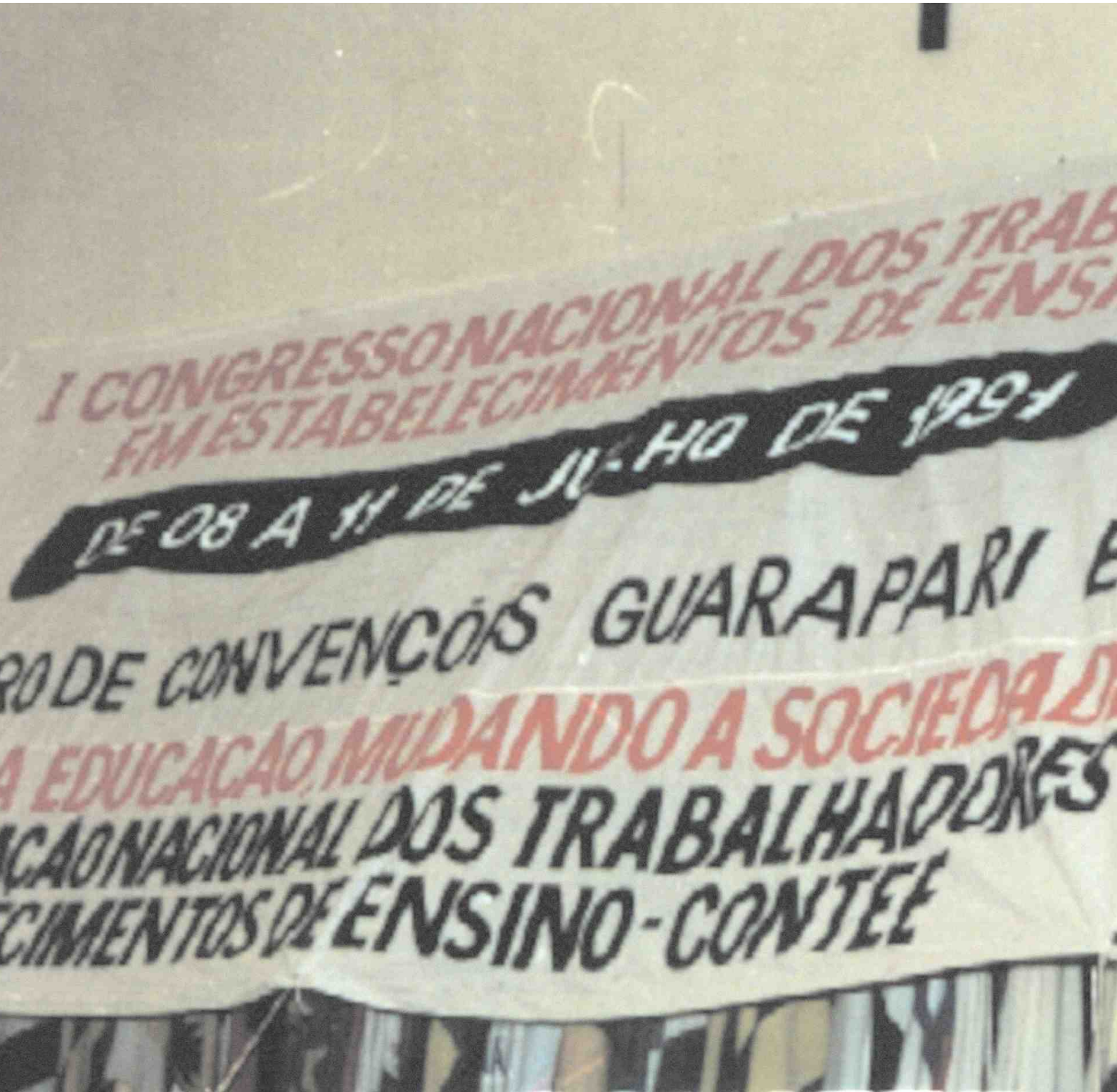
A posse de Jair Bolsonaro, em 1º de janeiro de 2019, já apontou a que veio a ultradireita no poder. Seu primeiro decreto foi reduzir de R$ 1.006 para R$ 998 o valor do salário mínimo. Desde então, investe contra os direitos trabalhistas; favorece os empresários na demissão de funcionários e redução salarial, na implantação do trabalho temporário e na terceirização; busca inviabilizar a existência dos sindicatos e das organizações populares, atrela a política externa brasileira aos interesses geopolí- ticos e econômicos dos Estados Unidos; debilita a soberania nacional; promove sucessivos ataques à democracia e suas instituições... Mais que tudo, o governo Bolsonaro adota uma política genocida, negacionista e de abandono da população no enfrentamento à pandemia do coronavírus, que está ceifando, diariamente, milhares de vidas de brasileiros.

No que diz respeito à política educacional, o atual governo tem sido inimigo declarado do ensino, da pesquisa, do desenvolvimento científico e da cultura. Corta verbas para o setor, avança na política de militarização do ensino, persegue ci-

entistas, professores e profissionais da cultura que insistem na defesa do ensino laico, inclusivo, democrático.

Contee firme e coerente

Durante todo o período aqui abordado, a Contee se posicionou com firmeza e coerência como representante dos trabalhadores, defendendo os direitos conquistados e atuando para ampliá-los; solidarizou-se e apoiou a luta internacional dos trabalhadores; foi intransigente na defesa da democracia, da soberania brasileira, dos direitos sociais e do desenvolvimento econômico com justiça social para o país e na defesa da educação pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada, juntamente com a regulamentação da educação privada sob as mesmas exigências aplicadas à rede pública, contra a mercantilização e a financeirização do ensino.



10º CONATEE

#COMPROMISSO com a #LUTA

PELA VIDA . PELOS DIREITOS . PELA DEMOCRACIA

| 23 a 25 de Julho de 2021 |

O X Congresso Nacional da Contee este ano, por conta da pandemia, será realizado via plataforma digital.

Pautas

- Regimento Interno e Regimento Eleitoral;
- Conjuntura Nacional e Internacional;
- Balanço da Gestão, Prestação de contas, Sustentação financeira e Plano de lutas;
- Conjuntura Educacional;
- Organização, Relações Sindicais e Direito do Trabalho;
- Moções;
- Eleição da Diretoria Plena e do Conselho Fiscal.

#sigaCONTEE

contee 30 anos
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino

apoio ciclo de debates: ces CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS SINDICAIS E DO TRABALHO



ensino privado

educação não é mercadoria

educação não é mercadoria

contee
www.contee.org.br

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino

Desde a sua fundação, a Contee tem preocupação com a comunicação, tanto como instrumento de agitação e propaganda quanto para informar e formar a base sobre assuntos intrínsecos à luta por direitos e para a organização sindical.

Nesta seção segue uma pequena amostra do trabalho realizado durante estes 30 anos, inclusive com o advento da Internet e plataformas digitais.

Use o QR-Code ao lado para acessar o acervo digital dos 30 anos da Contee



20/10 - ENSINO

DOMIN DE GR

MOVIMENTO NACI

20/10 os professores farão intensivo de sonoterapia

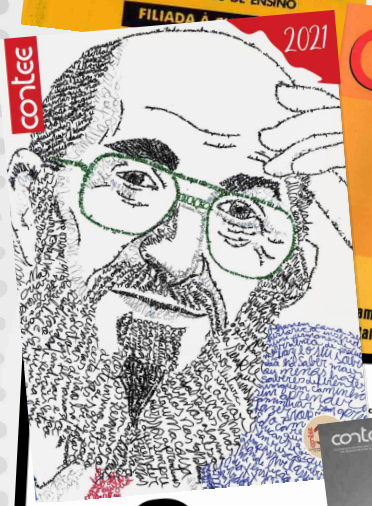
LogoSindi
Sindicato dos sindicalizados do Brasil

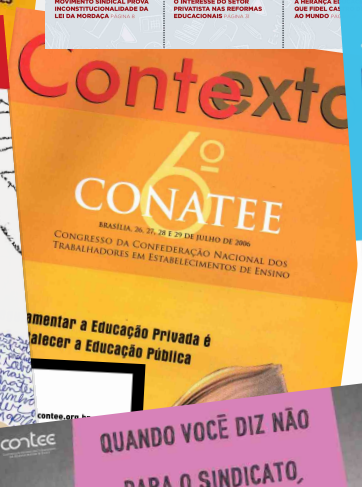
Comunicação



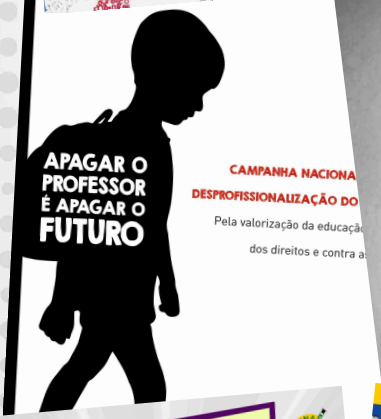


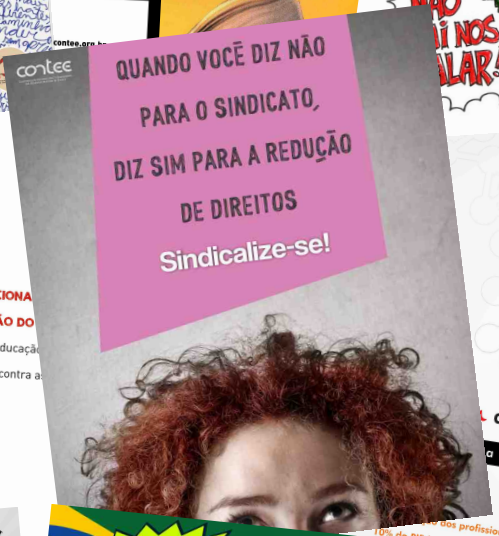


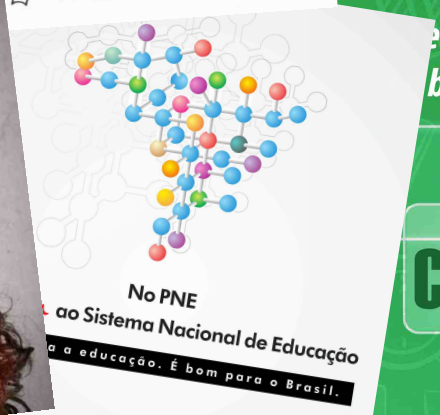


















VOTO VOZ e VEZ

para a educação

Votar em candidatos comprometidos com a educação pública, gratuita e democrática é lutar pelo desenvolvimento soberano do Brasil

CONFIRMA



EM DEFESA DO EMPREGO, DA APOSENTADORIA E DOS DIREITOS TRABALHISTAS!

10 de Agosto DIA DO BASTA!

contee
Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino
EM LUTA!

Aos que virem depois de nós

/por Táscia Souza

Quando aquele grupo de educadores e sindicalistas se reuniu na praia de Guarapari, no estado do Espírito Santo, em julho de 1991, para realizar o primeiro congresso eleitoral de sua recém-criada Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino, nenhum dos presentes jamais poderia ter imaginado o que estaria por vir.

A luta em defesa da educação pública, gratuita e socialmente referenciada, sim, era imaginada porque esta era uma pauta que cada um ali já defendia muito antes mesmo de sonhar a Contee. Uma pauta pela qual, aliás, muitos se empenharam dentro do Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública (FNDEP), nascido com a Constituinte em meio às diversas iniciativas dos movimentos sociais organizados na educação.

Também era mais do que posta a continuidade da luta pela regulamentação do ensino privado, sob as mesmas exigências aplicadas à rede pública. Essa era uma batalha que também havia sido encampada por praticamente todos os presentes alguns anos antes, durante o processo de discussão da Constituição. Uma bandeira, que, mesmo com os obstáculos e recusas enfrentados, a Contee seguiu empunhando em todas as discussões sobre políticas públicas educacionais: no debate da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996; nos Congressos Nacionais de Educação (Coneds); nas discussões do Plano Nacional de Educação (PNE) sancionado em 2001, ainda no governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso; na campanha nacional "Educação não é mercadoria"; na primeira e na segunda Conferência Nacional de Educação (Conae), em 2010 e em 2014; na construção do novo Plano Nacional de Educação, vigente de 2014 a 2024; na vitória representada pelo fato de esse PNE incorporar, como meta, a criação do Sistema Nacional de Educação (SNE); na participação ativa dentro do Fórum Nacional de Educação (FNE).

Aquele grupo de educadores e sindicalistas reunidos em Guarapari, contudo, dificilmente teria imaginado que, depois da conquista da eleição dos governos progressistas de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff e de a sociedade civil organizada ser chamada, de fato, a participar da elaboração de políticas públicas, sofreríamos tanto e tão profundos retrocessos.

Provavelmente não cogitaram, os sindicalistas e educadores de Guarapari, que, com tão poucos anos de democracia restabelecida, haveria um outro golpe, dessa vez jurídico, midiático e parlamentar, que derrubaria uma presidenta legitimamente eleita e que, além do desmanche trabalhista, congelaria investimentos públicos, dissolveria o FNE — atacando diretamente a Contee, retirada arbitrariamente da lista de entidades participantes — e inviabilizaria o próprio Plano Nacional de Educação.

Da mesma forma, dificilmente devem ter entrevisto que, depois de tanta luta, o movimento social e educacional teria que se reorganizar não como parceiro de um governo consciente no pensamento de políticas públicas, mas como franca resistência, criando, no lugar do FNE dissoluto, o Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE) e organizando a primeira e, logo, a segunda Conferência Nacional Popular de Educação (Conape).

E, com toda a certeza, não vislumbraram, sob nenhum hipótese, que, exatos 30 anos depois daquele primeiro encontro à beira-mar capixaba, o décimo congresso para a eleição da

direção da Contee aconteceria de forma remota, com cada delegado ou delegada em sua casa, diante da tela de um computador, ansiando por traduzir em bits seu voto, é claro, mas também sua esperança no futuro.

Não é fácil conservar viva a perspectiva de futuro em meio à pandemia de um vírus altamente contagioso que, em quase um ano e meio, já matou centenas de milhares de brasileiros e brasileiras.

Tampouco é simples preservar a esperança quando essa pandemia é agravada por outra quiçá mais letal: a do negacionismo de um governo facínora e fascista que decide deliberadamente não enfrentar o vírus letal porque, no fundo, o microscópico invólucro de proteína e RNA serve bem à sua política de extermínio. Mas é preciso.

"Realmente, vivemos tempos som-brios!", escreveu Bertolt Brecht em seu recado destinado "[a]os que vierem depois de nós". No entanto, Brecht sabia lá e então, assim como o sabemos aqui e agora, que chegará o momento em que "o homem seja bom para o homem". E é por isso que tanto futuro quanto esperança são, para nós, ideias e ideais que se mantêm vivos e imprescindíveis. Ideias e ideais que nos mantêm vivos e que mantêm nossa unidade imprescindível. É para isso este 30° ano de luta. É para isso a força que levaremos juntos para os anos — 10, 20, 30... — que virão.



Educar é defender a pluralidade de ideias



#leidamordaça NÃO

Campanha realizada pela Contee em 2019

://contee.org.br #sigaCONTEE